



## RESENHA

ACAMPORA, Alexandre. **Burangaba**: gênese e arte de Romana da Natividade. Palmas: Alexandre Acampora, 2015.

Cleyton Gomes Almeida – UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil  
e-mail: [cleytongo41@gmail.com](mailto:cleytongo41@gmail.com)

*A sembrera ou seberera de Goiás é semelhante a jacuba no Tocantins. a Burangaba foi Marcolino que inventou – polpas de buriti, manga e mangaba batidas com água, farinha e rapadura. E quando criou a nova mistura proclamou com prazer – aqui não é mais Jacuba, aqui agora é a Burangaba. Acampora, 2015.*

O texto intitulado “Burangaba: gênese e arte de Romana da Natividade” foi escrito por Alexandre Acampora. O autor é escritor, documentarista e fotógrafo cronista. Na sua versatilidade trabalhou como editor e cronista em jornais, como roteirista de documentários pelo qual ganhou prêmios internacionais tanto pela sua obra roteirista como por fotografia, assim como, ganhou outros títulos de reconhecimento. Em 2015 lançou este título que foi reconhecido com o prêmio: “Cultura Nacional da Arte”, do Ministério da Cultura.

O livro é dividido em treze capítulos. O autor buscou uma reflexão sequencial e

particular nos capítulos, com complementaridade das ideias para o entendimento sobre o fenômeno investigado, crenças e misticismo da Romana da Natividade. A interpretação do autor inicia-se com uma narrativa do processo de colonização do Brasil, para explicar os mistérios da mãe Romana de Natividade, principal personagem da narrativa. Mãe Romana é uma nativitana, moradora de um sítio no entorno da cidade de Natividade. O autor buscou elementos históricos do século XIV e XV, tempos em que Europa estava em conflito e a igreja Católica diluía-se seu poder político mundial, fruto dos combates denominados “*Guerra Santa*”.

Neste contexto histórico, onde territórios estavam em formação e outros estavam sendo descobertos, criou-se as capitanias Hereditárias como uma melhor forma de organizar os territórios, facilitando o extrativismo e, conseqüentemente, o cultivo de novas terras. É necessário colocar em observação que o autor faz um retorno buscando fatos históricos importantes, tanto quanto a vinda de outros povos trazidos para o Brasil como escravos, em que uma mistura cultural começa a se fazer presente no seio das senzalas.

Há uma abordagem sobre o processo de ocupação do Tocantins definidos por dois aspectos: o Tocantins “descoberto” pelo sul; e o Tocantins “descoberto” pelo norte. A ocupação territorial precede a colonização da corte portuguesa no território que hoje é o estado do Tocantins. Esta região foi palco da colonização da coroa portuguesa, do extrativismo do ouro e da fixação de migrantes de diversas regiões brasileiras. Em parte, a ocupação se deu por sujeitos viajando pelos rios no século XVI. O autor constrói uma narrativa traçando o caminho desde a colonização do Brasil em que o processo de construção das identidades religiosas estava se configurando.

O autor neste texto tem uma metodologia memorialista, mas também faz uma pesquisa histórica, com recortes dos fatos, selecionando-os, interpretando-os, recuando-os no tempo pretérito para explica-lo no presente. Acampora utiliza-se de uma dinâmica em suas pesquisas para aproximar ao máximo da formação dos territórios no Tocantins. As pesquisas foram além dos documentos tidos como “oficiais”, sobre a historiografia se é que podemos dizer assim por ter tão poucos escritos sobre o Tocantins. É de muita relevância as entrevistas que ele realiza com as pessoas que ainda hoje estão vivas, como é o caso do padre Joatan, um tocantinense de 72 anos nascido em Almas do

Tocantins e nomeado como pároco na cidade de Natividade que conta um pouco mais sobre a colonização da região sudeste do Tocantins.

A cidade de Natividade é considerada patrimônio nacional, por sua formação ter especulações em que seu povoamento tenha se formado por uma comunidade de gentios, pretos e índios. Um local onde reporta quem visita ao passado com muita facilidade pelas suas características arquitetônicas, um centro histórico. E, como em todo lugar histórico, ela possui seus mitos e suas histórias de quem ali viveram. O autor descreve de uma maneira original a história da mãe Romana de Natividade que era mais uma entre as outras rezadeiras e curadoras da região, porém a diferencia ao afirmar que ela criou uma mitologia para a sua própria arte, para o que ela produzia com suas próprias mãos.

Para entender mãe Romana de Natividade e compreender como ela entende o mundo a partir de suas práticas, ele (autor) recorreu à antropologia para interpretação de mãe Romana e sua obra Arte. Esta produziu com material reciclado estátuas de diversas formas ao qual ela acredita que tem inspiração do além e ergueu um santuário para abrigar os objetos e equilibrar as forças sobrenaturais.

O conhecimento da mãe Romana de Natividade está além da compressão natural terrena e, por isso chama à atenção. O sítio construído na Jacuba revela a magia artística dela, cada escultura representa algo repleto de significados. Não se sabe como ela adquiriu esse conhecimento que narra o mundo de uma forma diferente, uma cosmovisão. As esculturas e os objetos construídos por mãe Romana com ajuda de seus seguidores são construídos ali em um espaço terreno demarcado por acaso, escolhido por ser ali um ponto de circulação de energia em que por meio de sua esculturas há um caminho para um mundo cósmico. Para melhor entender essas esculturas misteriosas é descrito no livro as matérias primas utilizadas nas confecções dos monumentos e sua características.

As peças míticas estão principalmente representadas por esculturas com massa de adobe (barro, água e palha de capim) e pedra canga. Há também construções artísticas em madeira com arame, e móveis de lata e latão, detalhes e ornamentação com cacos de vidro e espelhos. Por muitas as vez, agregam elementos externos como bonecos, imagens sacras, flores, cristais. A maioria recebe pigmentação, as poucas peças pintadas usam cal ou tinta plástica comum. (ACAMPORA, 2015, p. 251)

Todas as peças do sítio tem significados específicos, suas formas dizem muitas coisas, várias são as esculturas que nada significam se apenas olharmos como meros objetos. Mãe Romana entra em um estado de “transe” como se fosse uma incorporação de uma entidade e através de instruções dessa força sobre ela é que mostrava como fazer as esculturas e desenhos que surgiam em sua mente. Após o recebimento, ela o fazia no conforme da revelação. Ela tem características de médium, mas não se pode afirmar com clareza a mediunidade dela. Tem característica própria de expor o que recebe de seus próprios estados mentais. Por algum motivo ela recebeu esse dom que nem ela mesma consegue entender.

Quanto aos mitos de como os médiuns se formam uma característica muito interessante é sobre as visões de dores ou de enfermidades incuráveis que os médiuns têm. Na maioria dos casos são características encontradas em Mãe Romana, como dores localizadas, sonhos, palpitações, dores que causavam insônia, visões que eram terríveis. Essas são características que indicam o dom para ser médium. Entretanto ela foi, além disso, suas visões se intensificaram e não conseguiu compreender até o momento em que passou a obedecer as orientações de suas visões. Ela fez uma grande obra de arte, passou a obedecer suas orientações mentais que diziam para ela fazer desenhos no chão e construir objetos em local demarcado. Assim, Mãe Romana foi compondo sua obra de desenhos espirituais.

Por fim, tudo indica que Mãe Romana possa ser uma xamã, indivíduo que, por meio de estados extáticos e invocações ritualísticas, manifesta supostas faculdades mágicas, curativas ou divinatórias. E, para entender sua arte, sua cultura e como ela teria vindo parar no Brasil foram necessários mergulhar nos princípios sócio e formação de alguns territórios do Tocantins.

Essa obra contribui para a história do Tocantins pelo fato de trazer uma característica de um povo que geralmente é esquecido no meio da história e que na maioria das vezes são de grande importância para entender as características de alguns povos que aqui habitavam na colonização do antigo norte de Goiás. A Burangaba na verdade é uma bebida – Buriti, manga e mangaba batidas com água, farinha e rapadura. É uma espécie de bebida. O autor faz uma metáfora com a Burangaba no sentido de ser uma

mistura com elementos diferentes e não desiguais, uma mescla de várias culturas, de saberes e tradições que formam uma sociedade que a faz ter muitas características por essa troca de Cultura.

Recebido para publicação em 27 de junho de 2017.

Publicado em 01 de julho de 2017.